

## ***Bullying* entre os jovens: relações com o preconceito e a autoestima**

*Bullying among young people: relation with prejudice and self-esteem*

*Bullying entre jóvenes: relación con el prejuicio y la autoestima*

Vitor José Araujo Matos<sup>1</sup>, Joilson Pereira da Silva<sup>2</sup>, Karine David Andrade Santos<sup>3</sup>,  
Valéria Maria Azevedo Guimarães<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, Sergipe

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia pela Universidade Complutense de Madrid, Espanha. Pós-doutor em Psicologia pela Universidad Autônoma de Barcelona, Espanha

<sup>3</sup> Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, Sergipe

<sup>4</sup> Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, Sergipe

### **RESUMO**

Esta pesquisa objetivou investigar a ocorrência do *bullying* e suas relações com o preconceito e a autoestima dos estudantes de escolas públicas. Participaram 284 estudantes, e os instrumentos utilizados foram a Escala de Autoidentificação de *Bullying*, a Escala de Manifestação de Preconceito, a Escala de Autoestima de Rosenberg e um questionário sociodemográfico. Nos resultados, verificou-se que quanto maior a ocorrência de *bullying*, mais o preconceito se manifesta ( $p = 0,261$ ;  $p < 0,05$ ). Entre os alvos do *bullying*, constatou-se que quanto mais o estudante sofre agressões, menores serão os níveis de autoestima ( $p = -0,218$ ;  $p < 0,05$ ). Em suma, os dados demonstraram que o *bullying* é um risco à qualidade de vida dos participantes e requer cuidados,

---

**Autor de Correspondência:**

\*Vitor José Matos. E-mail: vitor.psicologia10@hotmail.com

como planos de intervenções, com foco em minimizar suas ações e romper com a cristalização da percepção de serem “brincadeiras” ou uma solução para os conflitos inter e intrapessoais.

**Palavras-chave:** *Bullying*. Preconceito. Autoestima.

## ABSTRACT

---

This research aimed to investigate the occurrence of bullying and its relation with prejudice and self-esteem of students from public schools. A total of 284 students from public schools participated in the study and the instruments used were the Bullying Self-Identification Scale, the Prejudice Manifestation Scale, the Rosenberg Self-Esteem Scale, and a sociodemographic questionnaire. The results showed that the greater the occurrence of bullying, the more the prejudice is manifested ( $\rho = 0.261$ ;  $p < 0.05$ ). Among the targets of bullying, it was found that the more the student is attacked, the lower the levels of self-esteem ( $\rho = -0,218$ ;  $p < 0,05$ ). In short, data demonstrated that bullying is a risk to the participants' quality of life and requires attention, such as intervention plans, focused on minimizing its actions and breaking with the crystallization of the perception that it is “just a joke” or a solution for inter- and intrapersonal conflicts.

**Keywords:** Bullying. Prejudice. Self Concept.

## RESUMEN

---

Esta investigación tuvo como objetivo averiguar la ocurrencia del bullying y su relación con el prejuicio y la autoestima de los estudiantes de las escuelas públicas. Participaron 284 estudiantes y los instrumentos utilizados fueron la Escala de Autoidentificación del Bullying, la Escala de Manifestación de Prejuicios, la Escala de Autoestima de Rosenberg y un cuestionario sociodemográfico. En los resultados se encontró que cuanto mayor es la ocurrencia de bullying, más se manifiesta el prejuicio ( $\rho = 0,261$ ;  $p < 0,05$ ). Entre los objetivos del bullying, se encontró que cuanto más agresión sufre el alumno, menores son los niveles de autoestima ( $\rho = -0,218$ ;  $p < 0,05$ ). En definitiva, los datos demostraron que el bullying es un riesgo para la calidad de vida de los participantes y requiere cuidados, como planes de intervención, con un enfoque en minimizar sus acciones y romper con la cristalización de la percepción de ser “juegos” o una solución para conflictos inter e intrapersonales.

**Palabras clave:** Acoso Escolar. Prejuicio. Autoimagen.

## INTRODUÇÃO

O *bullying* é uma das formas mais recorrentes da violência dentro de escolas que afeta, de modo negativo, os estudantes, a equipe pedagógica e os familiares<sup>1</sup>. No Brasil, uma pesquisa aponta que cerca de 150 milhões de estudantes, entre 13 e 15 anos de idade, já foram alvos dessa agressão<sup>2</sup>. Apresentou, também, maiores frequências de episódios de *bullying*, do que a média de outros países, por meio de agressões físicas e verbais, roubos e destruição de objetos pessoais<sup>3</sup>.

O *bullying* é manifestado pelas atitudes, individuais ou grupais, com a intenção de causar danos psíquicos e físicos, de maneira repetitiva e humilhante, envolvendo um desequilíbrio de poder, seja pela diferença de idade ou pela força<sup>4</sup>. Além disso, é caracterizado como um fenômeno multifacetado que se apresenta de maneira física, verbal, psicológica, sexual e eletrônica<sup>5,6,7</sup>.

Algumas pesquisas classificam diferentes papéis sociais ao ato agressivo, como: a) autores - aqueles que praticam as agressões; b) alvos - são os que sofrem os atos violentos; c) alvos-autores - desempenham o papel de alvo e/ou autor; d) testemunhas - podem reforçar, evitar ou defender o alvo<sup>8,9,10</sup>. No entanto, essa divisão não é fixa, pois pode haver alternâncias entre os papéis estabelecidos, ou seja, o indivíduo pode ser alvo, autor ou testemunha da agressão<sup>11</sup>.

Diferentes estudos têm apontado a prevalência da prática de *bullying* nos ambientes escolares, sendo que, o gênero, a idade, a raça/etnia e o tipo de escola são as variáveis motivadoras para as ações agressivas<sup>12,13,14,15</sup>. Conforme as pesquisas citadas, realizadas no Brasil, a escola pública é o ambiente em que mais ocorre os atos agressivos, se comparado com o privado; jovens entre 13 e 15 anos são mais suscetíveis aos atos violentos, e os meninos de diferentes raças/etnias, negros e indígenas apresentam mais chances de serem alvos da agressão.

Quando essas agressões são direcionadas a

um determinado grupo social, tendo o gênero, etnia, religião, condições socioeconômicas como motivadores, atesta-se a presença do preconceito<sup>16-17</sup>. O preconceito é definido como um pré-julgamento, composto por ideias e/ou crenças generalizadas que envolvem os pensamentos, as emoções e é uma tendência para ação<sup>11</sup>. Essa tendência nega qualquer identificação parcial ou total com o alvo específico, no qual aumenta a existência das relações de poder, criando condições de vantagem sobre o outro, e justifica as ações, a partir da segregação e/ou marginalização<sup>16</sup>.

Alguns estudos estabelecem que o *bullying* tem as mesmas características do preconceito pela falta de motivo aparente, insistência e intenção de prejudicar o indivíduo<sup>18</sup>. Têm-se a ideia de que o preconceito é a base do *bullying*, por meio de ações de intolerância e de alteridade, articulados com os fatores sociais, individuais e familiares, que aumentam o bem-estar do autor da violência e tornam os grupos mais vulneráveis a serem seus alvos<sup>19-20</sup>. Além disso, o *bullying* se relaciona ao processo cognitivo e afetivo do preconceito e da discriminação e, se considerado em uma cultura ampla, pode ocorrer a sua reprodução, comprometendo o ensino, a convivência pacífica entre os alunos e o respeito às diferenças<sup>21</sup>.

No entanto, ressalta-se que os fenômenos, apesar das semelhanças, são distintos, pois o preconceito ocorre nas relações intrapessoais, cujos alvos desta prática são bem delimitados e apresentam características e traços correspondentes a um determinado grupo, que são discriminados por uma parte da sociedade, prejudicando os aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais<sup>1,22</sup>. No *bullying*, as ações são sempre voltadas para uma esfera comportamental e nas relações interpessoais, que podem ou não ocorrer em indivíduos em situação de inclusão<sup>23-24</sup>. O desejo de submissão e domínio do autor da agressão é a base do *bullying*, enquanto o preconceito se refere à negação de qualquer semelhança com o outro,

como nas condutas ou traços que diferem do que o grupo apresenta, sendo um motivo para a prática da agressão<sup>1-25</sup>.

O impacto do *bullying* gera consequências negativas na saúde, no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento psicossocial dos estudantes envolvidos com as agressões<sup>26</sup>. Entre estas, podem ser citadas: baixa autoestima, depressão, medo, vergonha, dificuldade de aprendizagem, transtorno obsessivo-compulsivo, baixo rendimento escolar, autoflagelação, pensamentos negativistas, expressão das mesmas condutas violentas em sua vida adulta e ideação suicida e suicídio<sup>27,28,29,30</sup>. É possível compreender que as ações do *bullying* tornam o estudante mais vulnerável a sofrer variações na autoestima<sup>31-32</sup>.

Na adolescência, a autoestima representa uma variável crítica, que afeta, de modo decisório, as relações inter e intrapessoais<sup>33</sup>. Ela envolve um conjunto de sentimentos e pensamentos do indivíduo sobre seu próprio valor, refletindo em uma atitude de aprovação ou de reprovação de si, que engloba o autojulgamento em relação à competência, sendo um importante indicador de saúde mental<sup>34-35</sup>.

Os níveis de autoestima são fundamentais para uma interação saudável entre os estudantes, sendo classificados em alta, moderada ou baixa. Os escores altos estão relacionados à afeição, à valorização e ao sucesso; os moderados, com a oscilação do que pode ser “adequado ou inadequado”; e, os baixos, com o fracasso, a inadequação e a desvalorização de si mesmo<sup>35-36</sup>.

Os estudantes, que apresentam baixos índices de autoestima, tendem a apresentar dificuldades em desenvolver habilidades sociais para lidar com a agressão, tornando-os mais propícios a apresentar problemas psicoemocionais, prejudicando a saúde mental<sup>37,38,39</sup>. Estudos comprovam que uma autoestima negativa pode influenciar o comportamento dos envolvidos do *bullying* em ambos os gêneros, como: conflitos familiares, vergonha, medo, ansiedade,

solidão, sintomas depressivos e suicídio<sup>31,40,41,42</sup>.

Diante da associação entre preconceito e *bullying* e dos possíveis impactos das agressões, na autoestima dos alvos, levantaram-se as seguintes perguntas: Quais são as ocorrências mais frequentes em escolas públicas? Qual é a prevalência do preconceito entre os estudantes nestes ambientes? Quais são os níveis de autoestima dos envolvidos com o *bullying*? Há relações entre as variáveis? Para responder a estes questionamentos, este estudo foi elaborado a fim de investigar a ocorrência do *bullying* e suas relações com o preconceito e a autoestima de estudantes das escolas públicas da Grande Aracaju (SE).

## MÉTODO

Participaram 284 estudantes dos gêneros masculino e feminino, entre 14 e 18 anos, do 9º ano de escolas da rede pública da Grande Aracaju. A amostragem foi não-probabilística, por conveniência, cujo critério de seleção esteve relacionado à disponibilidade pessoal e da escola para a participação na pesquisa. Utilizou-se um questionário para a obtenção de dados sociodemográficos, e foram aplicadas três escalas, descritas a seguir.

A Escala de Autoidentificação de *Bullying*<sup>1</sup> teve o objetivo de obter dados sobre auto-observações do *bullying* e identificar os participantes da pesquisa como autores do *bullying* e/ou alvos. As testemunhas desta prática violenta em ambientes escolares não foram contempladas neste estudo. Os participantes responderam a dois quadros referentes às agressões cometidas contra os colegas e outro para possíveis agressões sofridas, contendo diversos tipos de agressão aos colegas: xingamento, ameaças, bater, espalhar boatos, excluir/rejeitar, dar apelidos ofensivos, estragar material ou roupa, pegar material ou dinheiro sem consentimento e acariciar sem permissão<sup>1</sup>.

A Escala de Manifestação de Preconceito<sup>43</sup> contém

sete perguntas aos possíveis estudantes alvos do preconceito (deficiência, autista, cor da pele diferente, afeminado, masculinizada, comportamento agressivo, mau aluno/a e impopular)<sup>43</sup>. Cinco perguntas envolviam os alvos nas situações interpessoal e auxílio nas atividades escolares, e as outras duas envolviam a opinião dos sujeitos aos diversos alvos. A análise fatorial, realizada para essa escala, utilizou a análise de componente principal com rotação Varimax, e foi verificado um *Kaiser Meyer Olkin* - KMO (medida de adequação da amostra: 20 por item) de 0,71, o que é considerado bom, e o teste de esfericidade de *Bartlett*, significativo ( $p < 0,05$ ).

Nesta análise, foram obtidos dois fatores, dos quais se mantiveram a denominação apresentada no estudo de Crochík e Crochík (2017). O primeiro fator foi conceituado como “pessoas consideradas frágeis”, composta pelas variáveis: pessoa com deficiência, autistas, cor da pele diferente, afeminado e masculinizada. O segundo, nomeado de “preconceito contra o aluno de mau comportamento”, composto pelos itens “comportamento agressivo”, impopular e mau comportamento. Além disso, ambos os fatores apresentaram um Alfa de *Cronbach* adequado, sendo o primeiro ( $\alpha = 0,83$ ) e o segundo ( $\alpha = 0,73$ ) e explicaram 61,4% de sua variância total<sup>1</sup>.

O instrumento utilizado para avaliar a autoestima é uma versão adaptada para o português, da Escala de Autoestima de Rosenberg<sup>33-44</sup>. Esta é uma medida unidimensional constituída por dez afirmações, relacionadas a um conjunto de sentimentos de autoaceitação e autodepreciação que avalia a autoestima global.

A estrutura fatorial foi realizada pela análise de fatoração de eixo principal, com rotação Varimax, e verificou-se que houve um bom índice KMO (medida de adequação da amostra: 20 por item) de 0,85, uma consistência interna ( $\alpha = 0,84$ ) adequada, explicando 44,8% da variância total e o teste de esfericidade de *Bartlett* significativo ( $p < 0,05$ ). Nesta análise, encontrou-se apenas um fator, sendo reconhecido

internacionalmente como unifatorial<sup>33</sup>.

O artigo faz parte do projeto, regional e internacional, denominado de “Violência escolar: *bullying*, discriminação e responsabilidade”, desenvolvido pelo Prof. Dr. José Leon Chochík, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de São Paulo. Salienta-se que o estudo local teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos (CEP), com o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 93844618.9.0000.5546 e o número do parecer de aprovação 2.897.742.

Foram entregues os Termos de Assentimento (TA) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os estudantes e, no dia seguinte, recolhidos com a assinatura dos responsáveis; em seguida, realizou-se a aplicação dos instrumentos. Na análise de dados, a amostra não apresentou uma distribuição normal e, por isso, utilizaram-se os testes não-paramétricos U de *Mann-Whitney* e a correlação de *Spearman* com o auxílio do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS versão 25).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi composta por estudantes do gênero feminino (61,3%;  $n = 174$ ) e (38,7%;  $n = 110$ ), cuja média de idade foi 15,3 anos [ $DP = 1,15$ ]. Referente à raça/etnia, a maioria dos participantes denominou-se pardos (49,3%;  $n = 140$ ), seguidos por pretos (22,2%;  $n = 63$ ), brancos (15,1%;  $n = 43$ ), amarelos (1,4%;  $n = 4$ ), indígenas (0,4%;  $n = 1$ ) e os alunos que não responderam (11,6%;  $n = 33$ ).

Os atos de *bullying*, praticados pelos estudantes, tiveram o xingamento (29,9%) como o mais utilizado dentre todas as formas, ocorrendo todos os dias. Em seguida, as ameaças (14,1%), bater (10,9%), espalhar boato (9,2%), excluir (15,1%), apelidar (12,7%), estragar as roupas e/ou material (4,6%), pegar um material sem consentimento (5,3%) e acariciar os outros sem a permissão (6,0%), sendo uma a duas vezes por semestre.

Entre as agressões sofridas pelos participantes, o xingamento (26,4%) teve maiores índices, ocorrendo todos os dias, seguidos por ameaças (12,0%), boatos (21,5%), exclusão (15,5%), apelidos ofensivos (18,3%), danos às roupas e/ou material (7,0%), pegar um material sem consentimento (12,7%) e acariciar os outros sem a permissão (9,9%), acontecendo uma a duas vezes por semestre.

Verificou-se que o *bullying* verbal foi o mais reportado entre os participantes, por meio de xingamentos, apelidos e boatos, corroborando a literatura científica<sup>22,45,46,47</sup>. Entretanto, essas atitudes servem como um alerta para a escola, pois, são mascaradas como “brincadeiras” entre os grupos, o que contribui para a naturalização da violência, dentro e fora das instituições escolares<sup>20-48</sup>. Além disso, podem não ser percebidas pelos familiares e pela equipe pedagógica, pois, estes, têm maior tendência em interromper uma agressão física do que a verbal, com a percepção de que não é tão prejudicial quanto um ataque físico<sup>49</sup>.

Os principais motivos que levaram os estudantes a praticarem o *bullying* foram relacionados à falta de respeito ( $n = 155$ ), não ter o que fazer ( $n = 169$ ), não ter limites ( $n = 99$ ), preconceito ( $n = 74$ ) e se considerar diferente dos outros ( $n = 73$ ). A falta de limites e a de respeito estão associadas com a dificuldade de estar atento em perceber a si mesmo e ao outro e têm relações com a formação sociocultural do indivíduo<sup>1</sup>. O termo “não ter o que fazer”, que, neste estudo, teve altos índices, relacionando a expressão com as dificuldades acadêmicas apresentadas pelos estudantes, por se sentirem segregados ou serem julgados como incapazes de aprender<sup>1</sup>. No entanto, os estudantes podem perceber os atos agressivos como uma “brincadeira” entre os grupos, como uma tentativa de justificar o comportamento do autor da agressão, demonstrando um comportamento passivo ou natural diante dos episódios de *bullying*<sup>20,50</sup>.

Notou-se que o preconceito e “se considerar diferente do outro” são aspectos que aumentam as agressões, dentro do ambiente escolar, e afetam, negativamente,

os aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais, por não apresentarem as mesmas características físicas ou ideias do outro<sup>16</sup>. Dessa forma, os autores da agressão projetam, em seus comportamentos, uma forma de popularidade e demonstração de poder, que podem se estender para futuras condutas na vida adulta, bem como o distanciamento das metas escolares, discriminação e evasão escolar<sup>1</sup>.

No tocante ao preconceito, aplicou-se a Escala de Manifestação de Preconceitos<sup>43</sup> para verificar as pontuações obtidas por cada estudante. Em termos gerais, notou-se que a pontuação variou entre 0 a 46, sendo que: 28 (9,8%) dos estudantes não pontuaram; 249 (87,7%) tiveram entre 1 a 28; e, apenas, 7 (2,5%) pontuaram acima de 28, o que integra aos primeiros indicativos de manifestação de preconceitos. Dessa forma, não houve um alto índice de preconceito, por parte dos estudantes, pois a amostra integral apresentou um dado abaixo da média ( $M = 7.952$ ), em um total equivalente a 15.904 pontos.

Embora os índices de preconceito entre os estudos não sejam altos, ao investigar os escores dos fatores que compõem cada variável, foram constatados que, no “preconceito contra as pessoas consideradas frágeis”, o autista ( $n = 254$ ) foi o mais assinalado pelos estudantes, seguidos por afeminado ( $n = 202$ ), masculinizada ( $n = 163$ ), ter alguma deficiência ( $n = 156$ ) e com a cor da pele diferente ( $n = 88$ ). Algumas pesquisas foram consoantes aos resultados do estudo, como o preconceito contra alunos autistas<sup>51</sup>; referente às pessoas com deficiência<sup>52</sup>; com rapazes considerados “afeminados” e moças consideradas masculinizadas<sup>53-54</sup>. Os dados corroboram a ideia do preconceito para aqueles que apresentam traços corporais e/ou comportamentos, julgados diferentes, ocasionando a estigmatização e a discriminação.

Verificou-se que as pessoas autistas, com deficiência, características afeminadas e masculinizadas, e com a cor da pele diferente têm maiores tendências em sofrer episódios de *bullying*. Essas ações estão associadas à prevalência de comportamentos discriminatórios

decorrentes dessas práticas agressivas, conforme é apontado no modelo da Discriminação Justificada<sup>50</sup>. Neste modelo teórico, as condutas são consideradas como válidas e justas, com tendência a justificar suas atitudes, pois quanto mais os praticam, maior a legitimização em discriminar os grupos minoritários.

No segundo, “preconceito contra o mau aluno”, os estudantes apontaram o “aluno com comportamento agressivo” como o principal alvo de preconceito ( $n = 1074$ ), bem como foram acompanhados por “mau aluno/má aluna” ( $n = 679$ ) e o impopular ( $n = 156$ ). O índice de preconceito, direcionado à “aluno com comportamento agressivo” pode ser explicado pela associação entre preconceito e o desequilíbrio de

poder, nos episódios de *bullying*, ligando as diferenças etárias, étnicas e composição física à preocupação de serem os próximos alvos da agressão<sup>1,4,8,9</sup>.

Para analisar a relação entre *bullying* e o preconceito, foi utilizada a correlação de *Spearman* com os instrumentos de autoindicação do *bullying* e a manifestação de preconceito. Notou-se que houve uma correlação positiva e diretamente proporcional, significando que, quanto mais o estudante se autoidentificava como autor de agressão, maior seria o preconceito contra “as pessoas consideradas frágeis”, conforme aponta a Tabela 1.

**Tabela 1** - Correlação entre a autoindicação do

*bullying* e a manifestação do preconceito.

Escala de autoindicação do <i>bullying</i>	Escala de Manifestação do preconceito			
	Preconceito contra pessoas consideradas frágeis		Preconceito contra o mau aluno	
	Rô de <i>Spearman</i> ( $\rho$ )	P (valor)	Rô de <i>Spearman</i> ( $\rho$ )	P (valor)
Autoindicação como autores da agressão	0,261	0,001	0,021	0,730
Autoindicação como alvos da agressão	0,060	0,311	0,068	0,253

Por isso, cabe ressaltar que o *bullying* e o preconceito, embora estejam associados, não são o mesmo fenômeno, e suas formas são apresentadas de maneira distintas<sup>1</sup>. As condutas desses fenômenos estão voltadas para os mesmos indivíduos, porém, no preconceito, há um alvo bem delimitado, com quem o autor nega qualquer identificação, e, no *bullying*, consideram-se a submissão, o domínio e a falta de estratégias para cessar as agressões, às quais todos estão suscetíveis e independem se representam minorias sociais<sup>16</sup>. Em outro estudo, o *bullying* não é explicado apenas pelos pontos de vista individuais

ou familiares, mas também pelas mudanças sociais que o acarretam<sup>11</sup>.

Para avaliar a relação entre *bullying* e preconceito com a autoestima, foi utilizada a correlação de *Spearman*, sendo possível apontar que houve uma relação estatística significativa entre autoindicação dos alvos da agressão com a autoestima, sendo que, quanto mais os estudantes se denominavam como alvos, menores foram os índices de autoestima, pois os dados foram inversamente proporcionais, conforme apresenta a Tabela 2.

**Tabela 2** - Correlação entre autoindicação do *bullying* e manifestação do preconceito com a autoestima.

Variáveis	Escala de Autoestima de Rosenberg	
	Rô de Spearman ( $\rho$ )	P (valor)
Autoindicação como autores da agressão	-0,080	0,177
Autoindicação como alvos da agressão	-0,218	0,001
Preconceito contra pessoas consideradas frágeis	0,018	0,758
Preconceito contra o mau aluno	0,003	0,965

Alguns estudos corroboram com essa afirmação, articulando a autoestima com ansiedade e depressão, comportamentos propensos ao isolamento, estresse e insatisfação com a vida. Nota-se que o *bullying* implica sérios danos à autoestima e influencia negativamente a saúde mental dos alvos<sup>40-42</sup>.

Os estudantes, que sofrem agressões, têm três vezes mais chance de obter baixa autoestima<sup>41</sup>. Cabe ressaltar nesse estudo que os autores de *bullying* apresentaram baixos níveis de autoestima e desenvolveram, como consequências distúrbios comportamentais e emocionais, comportamentos antissociais, retraimento social, insegurança, vergonha, medo e infelicidade<sup>41</sup>.

Porém, é possível perceber na literatura que outras variáveis contribuem para aumento da autoestima, como a empatia, suporte social e o envolvimento com a comunidade<sup>55,56,57</sup>. Uma boa relação com a família, os professores e os colegas influenciam para uma autoestima positiva e melhores condições de saúde, como: menor percepção de estresse e sensação de solidão, boa satisfação com a vida, desempenho acadêmico e social<sup>57-58</sup>. Com isso, é necessário fortalecer a autoestima com o intuito de criar habilidades sociais para lidar com os episódios de *bullying*, incluindo a satisfação e o orgulho pessoal, a partir das intervenções ou programas que combatam o *bullying*<sup>39,59</sup>.

## CONCLUSÕES

Os resultados do estudo apontaram que, à medida que cresce a ocorrência de *bullying*, também aumenta a manifestação de preconceito entre os estudantes. Essas ações prejudicam a saúde mental dos envolvidos e, entre alvos do *bullying*, constatou-se uma relação significativa com os baixos níveis de autoestima. Os dados demonstraram os riscos à qualidade de vida dos participantes e que, apesar do *bullying* ser um tema bastante discutido, requer cuidados e planos de intervenções, com foco em minimizar suas ações e romper com a cristalização da percepção de serem atos comuns, “brincadeiras” ou uma solução para os conflitos inter e intrapessoais.

Entende-se que estes achados servem como recursos para o investimento no âmbito de pesquisas, em prol da qualidade de vida e um ambiente escolar pacífico, sem discriminação e com o respeito ao próximo. Por fim, julga-se importante explorar as características dos estudantes que praticam e sofrem o *bullying*, como a autonomia destes, por envolver o respeito às próprias decisões, bem como o autoritarismo, pelo padrão cultural preestabelecido, e as relações com o autoconceito, satisfação com a vida e a autoimagem, pois são variáveis que interferem, de forma positiva ou negativa, na autoestima.

## REFERÊNCIAS

1. Crochík JL, Crochík N. Bullying, preconceito e desempenho escolar: Uma nova perspectiva. Benjamim Editorial; 2017.
2. United Nations Children's Fund [internet]. UNICEF: metade dos adolescentes no mundo são vítimas de violência na escola [2018; acesso em 19 de agosto de 2020]. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/unicef-metade-dos-adolescentes-no-mundo-sao-vitimas-de-violencia-na-escola/>
3. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico [internet]. Bullying no Brasil é duas vezes maior que média internacional [2019; acesso em 19 de agosto de 2020]. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/bullying-no-brasil-duas-vezes-maior-que-media-internacional-23752720>
4. Olweus D. School bullying: Development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*. [internet]; 2013 [acesso em 03 de janeiro de 2019]; 9: 751-80. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516>
5. Fante C. Fenômeno bullying. Porto Alegre: Verus; 2011.
6. Manzini RGP, Branco AU. Bullying: escola e família enfrentando a questão. 1º ed. Porto Alegre: Mediação; 2017.
7. Rocha WAR, Paixão LVJ, Teixeira JAL, Paixão NE, Soares CF, Rocha KLF. Bullying na escola: Enfrentamento na perspectiva do docente. *Revista Psicologia e saberes* [internet]; 2019 [acesso em 06 de fevereiro de 2020]; 8(11), 279-304. Disponível em: <https://doi.org/10.3333/ps.v8i11.986>
8. Hoffmann C. Bystanders in bullying situations: differences between participant roles and their reactions to manipulation. [Masters thesis (Human Physiology)]. Países Baixos: Enschede, University of Twente; 2012.
9. Lopes Neto AA. Bullying: Saber identificar e como prevenir. Brasiliense; 2011
10. Salmivalli C, Lagerspetz K, Björkqvist K, Österman K, Kaukiainen A. Bullying as a group process: Participant roles and their relations to social status within the group. *Aggressive Behavior* [internet]; 1996 [acesso em 08 de maio de 2020], 22(1): 1-15. Disponível em: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-2337\(1996\)22:1<1::AID-AB1>3.0.CO;2-T](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-2337(1996)22:1<1::AID-AB1>3.0.CO;2-T)
11. Crochík JL. Preconceito e bullying: marcas de regressão psíquica socialmente induzida. *Psicologia USP* [internet]; 2019 [acesso em 25 de dezembro de 2019], 30, e190006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e190006>
12. Malta DC, Mello FCM, Prado RR, Sá ACMGN, Marinho F et al. Prevalência de bullying e fatores associados em escolares brasileiros, 2015. *Ciência & Saúde Coletiva* [internet], 2019 [acesso em 13 de abril de 2020], 24(4): 1359-1368. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.15492017>
13. Oliveira WA, Silva MAI, Porto DL, Yoshinaga ACM, Malta DC. Causas do bullying: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. *Revista Latino-Americana de Enfermagem* [internet], 2015 [acesso em 09 de janeiro de 2020];1-8. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-1169.0022.2552>
14. Santos, LCS, Faro A. Bullying entre adolescentes em Sergipe: Estudo na Capital e Interior do Estado. *Psicologia Escolar e Educacional* [internet], 2018 [acesso em 04 de janeiro de 2020], 22(3): 485-492. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392018036741>
15. Silva JL, Oliveria WA, Mello FCM, Prado RR, Silva MAI, Malta DC. Prevalência da prática de bullying referida por estudantes brasileiros: dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2015. *Epidemiologia e Serviços de Saúde* [internet], 2019 [acesso em 08 de fevereiro de 2020], 28(2): 1-11. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/s1679-49742019000200005>
16. Crochík JL. Formas de violência escolar: preconceito e bullying. *Movimento* [internet], 2015 [acesso em 08 de novembro de 2019], 3(2): 29-56. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/mov.v0i3.270>
17. Tuffin K. Prejudice. In Gough, B. *The Palgrave handbook of critical social psychology*. 1. ed. New Zealand: Edited by Brendon Gough; 2017. p. 684.
18. Antunes, DC. Bullying, razão instrumental e preconceito. 1º ed. São Paulo. Casa do Psicólogo; 2010.
19. Antunes DC, Zuin AAS. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia e Sociedade* [internet], 2008 [acesso em 06 de abril de 2019], 20(1): 33-41. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822008000100004>

20. Chaves DRL, Souza MR. Bullying e preconceito: A atualidade da barbárie. *Revista Brasileira de Educação* [internet], 2018 [acesso em 26 de janeiro de 2020], 23, e230019: 1-17. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782018230019>
21. Souza JM. Bullying: uma das faces do preconceito no contexto escolar. [dissertação (Mestrado em Psicologia)]. Sergipe: Programa de pós-graduação em Psicologia social, Universidade Federal de Sergipe; 2013.
22. Souza JM, Silva JP, Faro A. Bullying e Homofobia: Aproximações Teóricas e Empíricas. *Psicologia Escolar e Educacional* [internet], 2015 [acesso em 05 de janeiro de 20120]. 19(2): 289-298. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0192837>
23. Batista, EHM. Bullying e diferenças: a busca por um olhar ampliado. [dissertação: Mestrado em Educação] São Paulo: Faculdade de educação, Universidade Estadual de Campinas; 2011.
24. Carreira, JLC. Violência escolar, normas de gênero e heteronormatividade. [dissertação (Mestrado em Educação)]. São Paulo: Plataforma scupira, Universidade Federal de São Paulo; 2019.
25. Alencar, ERD. Bullying e desempenho escolar de alunos do Instituto Federal do Piauí Campus Parnaíba: um estudo de caso. [dissertação (Mestrado em Educação)]. São Paulo: Instituto Federal do Piauí, Universidade Nove de Julho; 2018.
26. Zequinão M, Medeiros P, Pereira B, Cardoso, F. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. *Educação e Pesquisa* [internet], 2016 [acesso em 23 de março de 2020], 42(1): 181-198. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201603138354>
27. Gloppen K, McMorris B, Gower A, Eisenberg M. Associations between bullying involvement, protective factors, and mental health among American Indian youth. *American Journal of Orthopsychiatry* [internet], 2018 [acesso em 5 de junho de 2020], 88(4): 413-421. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/ort0000284>
28. Moreira LCO, Bastos PRHO. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, [internet], 2015 [acesso em 06 de junho de 2020], 19(3): 445-453. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193857>
29. Piquero AR, Piquero NL, Underwood MK. Correlates of and consequences for bully-victims in a sample of serious adolescent offenders. *Youth Violence and Juvenile Justice* [internet], 2017 [acesso em 06 de maio de 2020], 15(4): 359-373. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1541204016657396>
30. Sampaio JMC, Santos GV, Oliveira WA, Silva JL, Silva MAI. Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. *Texto & Contexto Enfermagem* [internet], 2015 [acesso em 04 de janeiro de 2020], 24(2): 344-352. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072015003430013>
31. Bandeira CM, Hutz CS. As implicações do bullying na autoestima dos adolescentes. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional* [internet], 2010 [acesso em 05 de janeiro de 2020], 14(1): 131-138. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572010000100014>
32. Brito CC, Oliveira MT. Bullying e autoestima em adolescentes de escolas públicas. *Jornal Pediatra* [internet], 2013 [acesso em 05 de janeiro de 2020], 89(6): 601-607. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jpmed.2013.04.001>
33. Hutz CS, Zanon C. Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. *Avaliação psicológica* [internet], 2011 [acesso em 12 de fevereiro de 2020], 10(1). Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712011000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712011000100005)
34. Sbicigo JB, Bandeira DR, Dell'Aglio DD. Escala de autoestima de Rosenberg (EAR): validade fatorial e consistência interna. *Psico-UFS* [internet], 2010 [acesso em 08 de fevereiro de 2020], 15(3): 395-403. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000300012>
35. Valizadeh L, Zamanzadeh V, Gargari RB, Ghahramanian A, Tabrizi FJ, Keogh B. Pressure and protective factors influencing nursing students' self-esteem: A content analysis study. *Nurse Education Today* [internet], 2016 [acesso em 15 de março de 2020], 36: 468-472. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.nedt.2015.10.019>
36. Schraml K, Perski A, Grossi G, Simonsson-Sarnecki M. Stress symptoms among adolescents: The role of subjective psychosocial conditions, lifestyle and self-esteem. *Journal of Adolescence* [internet], 2011 [acesso em 16 de março de 2020], 34(5): 987-996. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2010.11.010>
37. Magalhães, LA. Associação entre transtorno de

ansiedade social, habilidades sociais e autoestima em adolescentes. [dissertação (Mestrado em Psicologia)] Minas gerais: Universidade Federal de São João Del-Rei; 2017.

38. Paixão RF, Patias ND, Dell'Aglio DD. Autoestima e sintomas de transtornos mentais na adolescência: variáveis associadas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [internet], 2018 [acesso em 06 de abril de 2020], 34, e34436. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e34436>

39. Terroso LB, Wendt GW, Oliveira MS, Argimon IIL. Habilidades sociais e bullying em adolescentes. *Temas em Psicologia* [internet], 2016 [acesso em 30 de maio de 2020], 24(1): 251-259. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2016.1-17>

40. Aranzales Delgado YD, Castaño Castrillón JJ, Figueroa Salcedo RA, Jaramillo Ruiz S, Landazuri Quiñones JN, Muriel Forero V et al. Frecuencia de acoso y ciber-acoso, y sus formas de presentación en estudiantes de secundaria de colegios públicos de la ciudad de Manizales. *Archivos de Medicina* [internet], 2014 [acesso em 05 de abril de 2020], 14(1): 65-82. Disponível em: <https://doi.org/10.30554/archmed.14.1.237.2014>

41. Gatto RCJ, Garbin AJI, Corrente JE, Garbin CAS. Self-esteem level of Brazilian teenagers' victims of bullying and its relation with the need of orthodontic treatment. *Revista Gaúcha Odontologia* [internet], 2017 [acesso em 19 de maio de 2020], 65(1): 30-36. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-863720170001000053304>

42. Varela Garay RM, Ávila ME, Martínez B. Violencia escolar: un análisis desde los diferentes contextos de interacción. *Psychosocial Intervention* [internet], 2013 [acesso em 7 de maio de 2020], 22(1): 25-32. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5093/in2013a4>

43. Crochík JL. Preconceito: relações com a ideologia e com a personalidade. *Estudos de Psicologia* [internet], 2005 [acesso em 22 de janeiro de 2020], 22(3): 309-319. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2005000300009>.

44. Rosenberg, M. *Society and the adolescent self-image*. Revised edition. Wesleyan, CT: University Press; 1989.

45. Oliboni SP, Lunardi VL, Lunardi GL, Pereira BO, Oliveira WA. Prevalência do bullying entre alunos do ensino fundamental. *Aletheia* [internet], 2019 [acesso em 6 de abril de 2020], 52(1): 8-21. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/textura-2358-0801-22-4899>

46. Santos JA, Cabral-Xavier AF, Paiva SM, Leite-Cavalcanti A. Prevalência e tipos de bullying em escolas brasileiras de 13 a 17 anos. *Revista de Saúde Pública* [internet], 2014 [acesso em 29 de maio de 2020], 16(2): 173-183. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15446/rsap.v16n2.30302>

47. Silva F, Dascanio D, Valle T. O fenômeno bullying: diferenças entre meninos e meninas. *Reflexão e Ação* [internet], 2016 [acesso em 4 de abril de 2020], 24(1): 26-46. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17058/rea.v24i1.7014>

48. Abramovay, M. *Programa de prevenção a violência nas escolas*. Editorai FLASCO BRASIL; 2015. p.7-21.

49. Bandeira CM, Hutz CS. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Psicologia Escolar e Educacional* [internet], 2012 [acesso em 7 de abril de 2020], 16(1): 35-44. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572012000100004>

50. Pereira CR, Vala JA, Costa-Lopes R. From prejudice to discrimination: the legitimizing role of perceived threat in discrimination against immigrants. *European Journal of Social Psychology* [internet], 2010 [acesso em 3 de fevereiro de 2020], 40(7): 1231-1250. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/ejsp.718>

51. Taylor, C. *From Bias to Behavior: Predicting Prejudice Towards Autistic Individuals*. Undergraduate Honors Theses [internet], 2018 [acesso em 9 de abril de 2020]: 1-61. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/From-Bias-to-Behavior%3A-Predicting-Prejudice-Towards-Taylor/cfaff2915bb574c535df2bdc108dcb40ca923c66>

52. Magnabosco MB, Souza LL. Educação inclusiva e as representações dos estudantes sobre seus pares com deficiência. *Psicologia escolar e educacional* [internet], 2018 [acesso em 27 de maio de 2020], 22(1): 115-122. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392018012631>

53. Neves FJ, Batista ES, Levandoski G. Visões preconceituosas e homofóbicas de estudantes do ensino médio. *Textura - Revista de educação e letras* [internet], 2020 [acesso em 20 de maio de 2020], 22(49): 5-11. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/textura-2358-0801-22-4899>

54. Porcino CA, Coelho MTAD, Oliveira JF. Representações sociais de universitários sobre a pessoa travesti. *Saúde e sociedade* [internet], 2018 [acesso em 20 de abril de 2020], 27(2): 481-494. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-12902018169303>

55. Plata Ordoñez CN, Riveros Otaya MC, Moreno Méndez JH. Autoestima y empatía en adolescentes observadores, agresores y víctimas del bullying en un colegio del municipio de Chía. *Psychologia Avances de la Disciplina* [internet], 2010 [acesso em 05 de abril de 2020], 4(2): 99-112. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=297224090007>

56. Sousa MD, Araújo B, Pereira B. Bullying, autoestima e suporte social, que relação? In B. Pereira, A. J. G. Barbosa, & L. M. Lourenço (Eds). *Estudos sobre Bullying: família, escola e atores*. Curitiba: Editora CRV; 2016. p.163-177.

57. Crespo-Ramos S, Romero-Abrio A, Martínez-Ferrer B, Musitu G. Variables psicosociales y violencia escolar en la adolescencia. *Psychosocial Intervention* [internet], 2017 [acesso em 5 de março de 2020], 26(2): 125-130. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.psi.2017.05.002>

58. Jesus Cava M. Família, profesorado e iguais: claves para el apoyo a las víctimas de acoso escolar. *Psychosocial Intervention* [internet], 2011 [acesso em 4 de abril de 2020], 20(2): 183-192. Disponível em: <https://doi.org/10.5093/in2011v20n2a6>

59. Juvonen J, Schacter HL, Sainio M, Salmivalli C. Can a school-wide bullying prevention program improve the plight of victims? Evidence for risk  $\times$  intervention effects. *Journal of Consulting and Clinical Psychology* [internet], 2016 [acesso em 06 de abril de 2020], 84(4): 334-344. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/ccp0000078>

DATA DE SUBMISSÃO: 22/08/20 | DATA DE ACEITE: 25/11/20